

GÊNEROS TEXTUAIS: FERRAMENTAS POSSÍVEIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA CRÍTICA

Nilmara Milena Gomes Maran (UERR/UFRR)

nilmara_milena@hotmail.com

Elecy Rodrigues Martins (UFRR)

elecyrm@hotmail.com

RESUMO

Este artigo traz reflexões referentes à formação de alunos/cidadãos que devem configurar-se como leitores críticos, capazes de produzir e reproduzir gêneros textuais nas suas diversas formas de interação social. Através de pesquisa bibliográfica, objetivamos propiciar ao professor de língua portuguesa ferramentas capazes de desenvolver a leitura crítica com alunos do ensino fundamental, partindo de discussões a cerca da importância da utilização dos gêneros textuais, do debate sobre fatos atuais e da utilização de ferramentas encontradas no ciberespaço como aliadas no processo de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Leitura crítica. Gêneros textuais. Ciberespaço.

1. Introdução

No atual contexto histórico e tecnológico, somos, a todo o momento, levados a enfrentar novos desafios, que exigem uma visão crítica e abrangente dos recursos que nos cercam, imprimindo uma nova ordem ao tempo e ao espaço em que vivemos. Percebemos que a educação escolar está à procura de caminhos que contribuam de forma efetiva para a formação do cidadão crítico.

Este artigo parte da problemática que cerca a atualidade, no que se refere à formação de um aluno/cidadão que deve se configurar no cenário atual como um leitor crítico que se coloca como sujeito que produz e reproduz gêneros textuais nas suas diversas formas de interação social.

Assim, necessita-se, diante dos propósitos atuais de ensino, transformar o aluno em sujeito ativo, contemplando-o como ser crítico que pode participar no processo de construção de sentidos, à medida que faz uso de suas experiências, conhecimentos de mundo e conhecimentos linguísticos.

Nessa perspectiva, este artigo, através de pesquisa bibliográfica, tem como objetivo propiciar ao professor de língua portuguesa ferramen-

tas capazes de desenvolver a leitura crítica com alunos do ensino fundamental, partindo de discussões a cerca da importância da utilização dos gêneros textuais, do debate sobre fatos atuais e da utilização de ferramentas encontradas no ciberespaço como aliadas no processo de ensino/aprendizagem.

2. A dinâmica dos gêneros textuais

Os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, sendo o caráter e as formas desse uso tão multiformes quanto a atividade humana, porém essa variação de uso da língua não contradiz a língua nacional.

O emprego da língua se dá de formas variadas (orais, gestuais, escritas) dependendo da intencionalidade do sujeito que profere o enunciado, “esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo [...]” (BAKHTIN 2003, p. 261), não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, mas também pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua e, acima de tudo, por sua construção composicional.

Cada sujeito utiliza a linguagem de forma individual, porém cada campo de utilização da língua elabora seus tipos textuais relativamente estáveis. A diversidade de gêneros é inesgotável e cresce e se diferencia à medida que determinado campo se desenvolve e se torna mais complexo.

Para Bakhtin (2003), o gênero se define como tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua. Considera três elementos básicos que configuram um gênero discursivo: conteúdo temático, estilo e forma composicional. Nas condições de produção dos enunciados e dos gêneros discursivos inserem-se as intenções comunicativas e as necessidades sociointerativas dos sujeitos nas esferas de atividade, em que o papel e o lugar de cada sujeito são determinados socialmente.

O discurso estabelece intercâmbios socioculturais, fruto de processos cognitivos e conhecimentos acumulados historicamente que atendem a essa atitude responsiva ativa. Bakhtin (2003) enfatiza que quando fala/escreve ou lê/ouve, o indivíduo ativa seu conhecimento prévio da construção dos gêneros a que ele teve acesso nas suas relações com a linguagem. Esse conhecimento é fruto das relações sociais, pois, como diz

Marcuschi (2005), numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética, multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita.

O surgimento da escrita abriu espaço para a cultura impressa e a industrialização fez com que surgissem cada vez mais gêneros, pois ao passo que a língua varia, os gêneros também variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se, uma vez que seu componente crucial é a linguagem. Hoje em plena fase eletrônica presenciamos, principalmente por meio da Internet, uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto oral quanto escrita.

Com todo esse repertório de gêneros emergentes, algumas práticas pedagógicas se prendem unicamente ao estudo dos gêneros secundários (mais complexos e elaborados), com o objetivo de manter intacta a linguagem da cultura dominante, imposta pela gramática, linguagem esta muito distante da oralidade e escrita da maioria dos alunos, que não tem acesso digno a distribuição justa dos bens culturais.

Bakhtin define os gêneros secundários como complexos (romances, dramas, pesquisas científicas etc.), por surgirem a partir de um convívio mais elaborado e rebuscado. Porém essa elaboração origina-se da incorporação e reelaboração de diversos gêneros primários, criados em condições de comunicação sem maiores rebuscamentos ou planejamentos. Observa-se, portanto, que há uma relação mútua entre gêneros primários e secundários e que “[...] a língua integra a vida através dos enunciados concretos; é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 265).

Percebe-se que os gêneros textuais estão circulando nas atividades humanas e, nesse sentido, um dos objetivos do trabalho com língua portuguesa deve ser o de que o aluno não tenha acesso apenas a gêneros secundários, mas que seja induzido a perceber que a sua linguagem informal, pode evoluir de forma significativa, pois é a partir dessa linguagem (informal) que gêneros valorizados culturalmente surgem.

Ao produzir uma forma qualquer de comunicação utiliza-se um dos gêneros disponíveis na sociedade, uma vez que “[...] os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-se de algum modo” (MARCUSCHI, 2005, p. 25). Cada gênero possui sua estrutura básica de linguagem, ou seja, seu formato próprio que o diferencia dos demais. É possível reconhecer e

assimilar cada formato porque há convivência nas práticas sociais. Naturalmente, sabe-se qual é a forma de uma carta e que ela se diferencia de uma bula de remédio e esta, por sua vez, se diferencia de uma crônica dado o contato que as pessoas têm com esses textos que circulam na sociedade.

A definição de gêneros textuais muitas vezes confunde-se com a de tipos ou tipologias textuais. Essa confusão pode interferir no trabalho com a produção e a compreensão textual. Para evitar tal confusão é necessário compreender a distinção entre tipo e gênero textual. Os tipos textuais são basicamente três: narração, descrição e argumentação. Alguns autores, dentre eles Marcuschi (2005), consideram cinco as tipologias textuais: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Segundo esse autor, tipo textual designa uma sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Os gêneros textuais, por sua vez, são textos ‘materializados’ que se encontram na sociedade.

Assim, entende-se que tipos textuais são construções teóricas que embasam os gêneros e estes designam textos reais de natureza sociocomunicativa presentes no dia a dia. São muitos os gêneros textuais presentes nas relações comunicativas, por exemplo: carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, horóscopo, receita culinária, carta eletrônica, entre outros.

Percebe-se a importância do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, levando em consideração o contato que os alunos possuem com esses textos de circulação social e os conhecimentos que eles têm em relação à função dos gêneros na sociedade. O trabalho com gêneros proporciona o uso efetivo da língua e incentiva os alunos a participarem ativamente do meio social.

3. *Linguagens e gêneros textuais na sociedade da informação*

As mudanças que presenciamos em âmbito sociocultural advêm do avanço tecnológico que está alicerçado nas práticas discursivas. É nesse contexto que refletimos as várias formas de uso da linguagem, uma vez que as novas tecnologias modificaram profundamente as relações interpessoais, na medida em que a praticidade e a velocidade da *Internet* ampliaram os atos comunicativos.

Com a chegada dos computadores e, principalmente, com a veiculação da rede mundial (Internet), marcando as inovações típicas de um mundo globalizado, novos gêneros foram emergindo e se “enraizando” nos eventos comunicativos dos falantes, são os chamados gêneros eletrônicos ou digitais. Dentre eles, podemos destacar o *e-mail*, os *blogs*, os *chats*, e outros que proporcionam oportunidades de verificação dos efeitos de sentido que as novas tecnologias surtiram/surtem na linguagem.

Silva (2006, p. 75) afirma que “as sociedades contemporâneas são construídas a partir da engenharia tecnológica”. Essa realidade revela que as esferas sociais se utilizam diariamente da tecnologia e, dessa forma, as tecnologias da informática viabilizam as novas áreas de atuação da sociedade moderna, que se caracteriza por integrar cidadãos globais.

No contexto da sociedade da informação e da globalização, a tecnologia dita a necessidade de se ter equipamentos mais velozes, para acompanhar o acelerado ritmo das comunicações via gêneros digitais, pois

[...] além de influenciar algumas atividades elementares do cotidiano do sujeito contemporâneo, a informática também interfere na forma como ele lida com a informação necessária à sobrevivência. Por meio dos recursos dessa tecnologia, a recuperação, o armazenamento, a organização, o tratamento, a produção e a disseminação da informação tornam-se tarefas cada vez mais incorporadas à realidade desse sujeito. (MARQUES NETO, 2003, p. 52)

De fato, a linguagem digital é uma realidade e está consolidada, praticamente, em todas as atividades humanas, das mais simples às mais complexas, por esse motivo a utilização da internet como espaço de lazer e informação cresce a cada dia, fazendo com que a leitura de jornais digitais se propague, por ser um meio rápido, cômodo e gratuito de se manter informado em tempo real, já que a internet possibilita essa interação.

Na visão de Mélo (2006, p. 108), “gêneros digitais são textos escritos em suportes tecnológicos como computador, celular, caixa eletrônico, entre outros que para escrever utilizamos teclas”. Esses gêneros transformaram radicalmente a natureza da comunicação escrita e do letramento convencional, uma vez que introduziram novas práticas discursivas e um novo paradigma nas ciências da linguagem (VIEIRA, 2005).

O mundo contemporâneo é marcado, portanto, pelo avanço das tecnologias da informação. Essa realidade mostra que o papel desempenhado pelas novas tecnologias se configura como uma marca definidora no processo de desenvolvimento humano e social.

Nesse sentido, as novas tecnologias inseriram-se nas práticas so-

ciais e estar “conectado” ao ambiente tecnológico, ou se “plugar” nos eventos de letramento que se utilizam do suporte digital, é uma necessidade para as atuais atividades sociais. Dessa forma percebemos a necessidade de levar para os nossos alunos ferramentas tecnológicas, como o computador, capazes de auxiliá-los no manejo com a vasta carga de informações encontradas na internet, e consequentemente mostrar a importância da leitura de temas relacionados à atualidade através da leitura de jornais digitais, com o intuito de aprimorar a leitura crítica e mantê-los informados, já que no jornal há a possibilidade de leitura de diversos gêneros textuais.

O mundo digital trouxe consigo diferentes e atrativas possibilidades de se produzir comunicação e interação, mas também trouxe a urgente necessidade de adaptação social às demandas comportamentais que permeiam os usos efetivos da vida tecnológica.

Dentro dessa ótica, nasce uma sociedade pautada nos costumes da velocidade que a globalização transmite, a partir de formas dinâmicas e situadas de promover interação social. Podemos perceber que essas formas ampliaram as negociações vivenciadas em sociedade e diminuíram distâncias. Concordamos com Ferraz (2008) quando menciona que a linguagem digital é rapidez, as necessidades de uma sociedade ativa e atrativa em suas práticas comunicativo-comportamentais.

Podemos crer, então, que o surgimento da sociedade da informação se deu em consonância com as demandas que as novas tecnologias de informação e da comunicação inseriram nas atividades realizadas em sociedade. Nessa perspectiva, o conceito de sociedade da informação, conforme Gasparetto Júnior et al. (2002, p. 16), refere-se a “um estágio de desenvolvimento social caracterizado pela capacidade de seus membros (cidadãos, empresas e administração pública) de obter e compartilhar qualquer informação, instantaneamente, de qualquer lugar e da maneira mais adequada”, gerando, assim, novas condições de produção de discurso jornalístico.

4. Educação e informação no ciberespaço: a cultura tecnológica

O entusiasmo em torno das novas tecnologias é inevitável, a começar pelos jovens que nascem/nasceram inseridos na era digital. Embora a internet possa demonstrar certos problemas, é, sobretudo, fato consumado, ou seja, sabemos que desta realidade não podemos fugir ou fin-

gir que não existe, o mais prudente é saber conviver com ela, de preferência na condição de sujeito e não de objeto.

Seria inútil ver nelas apenas defeitos; seria não menos inútil ignorar que há fartos defeitos. Os professores precisam enxergar as novas tecnologias e conviver com procedimentos de pesquisa encontrados no ciberespaço (a exemplo de sites de busca, jornais digitais, dicionários, enciclopédias, tradutores, entre outros), pois esse é um domínio do qual os alunos conhecem e convivem muito bem.

Uma característica relevante do ciberespaço é a possibilidade interativa que o mesmo disponibiliza para os sujeitos sociais, uma vez que pode ser efetivada com maior frequência e compartilhada em rede mundial, fato este muito interessante encontrado, por exemplo, no jornal Folha de Boa Vista on-line, no qual os leitores podem interagir deixando comentários a respeito das notícias publicadas e participando de entrevistas semanais sobre temas que estão em alta e que geram dúvidas a sociedade.

Esta realidade mostra como as novas tecnologias organizam, na contemporaneidade, as práticas sociais. Hoje, a informação é transmitida em frações de segundo e em cadeia global, a partir dos dispositivos digitais.

O mundo tecnológico cobra da sociedade posicionamentos eficazes diante da rapidez dos desenvolvimentos científicos nesta área. Dessa forma, as novas tecnologias exigem mudança de padrões comportamentais, isto é, exigem um redirecionamento de atitudes que, muitas vezes, são impostas sem levar em consideração a existência de pessoas que não têm acesso aos meios eletrônicos e que, conseqüentemente, ficam à margem da tecnologia típica da sociedade da informação. Nessas condições, discutimos sobre informação e democracia no contexto da sociedade em rede ou tecnológica.

Sabemos que o acesso à informação na esfera digital está para todos os usuários. Nesse sentido, podemos afirmar que a cibercultura é democrática. No entanto, para compartilhar, democraticamente, dos seus benefícios é preciso que os seus usuários se constituam sujeitos digitalmente letrados, capazes de produzir significados práticos às atividades tecnológicas.

Reconhecemos aqui que a *Internet* é um espaço rico e fértil de informação. Ratificamos ainda com a seguinte citação:

[...] de certa maneira, o mundo da *internet* tem esta marca do vale-tudo, se olharmos para o lado da liberdade de se conectar e se comunicar, ainda que não se possa jamais esquecer que a invasão pelo mercado é muito mais drástica do que a da comunicação democrática. Com esta restrição crítica em mente, podemos ver a dialética como o cerne da arte do debate e conversação, ou o diálogo, no contexto de uma dinâmica transformacional cercada de paradoxos do ciberespaço. (DEMO, 2001, p. 98)

Nessa relação, o ciberespaço se torna democrático quando os seus usuários, além de terem acesso às informações, passam a agir criativamente num jogo que converge para o aprimoramento da construção de um processo crítico e reflexivo. Dessa maneira, as construções linguístico-discursivas presentes no ciberespaço evidenciam, de acordo com Xavier (2007), as práticas de linguagem da sociedade de hoje que utiliza diariamente a escrita digital e preenchem, de certa forma, as necessidades comunicativas dessa sociedade, em que a tecnologia consolidou novos e irreversíveis usos.

Constantes reflexões acerca das mudanças desencadeadas socialmente, relacionadas às maneiras usuais de comunicação, surtem transformações nos modos de representação da linguagem, ou seja, a linguagem passa por inovações significativas com o decorrer do tempo. Esta afirmação vem fortalecer a concepção de que a língua é um organismo vivo e, sendo assim, tende a variar e a se adaptar/acomodar à realidade, uma vez que ela é flexível.

Nesse sentido, pensar em possibilidades pedagógicas no contexto da leitura crítica é pensar em formas que, de fato, possibilitem a experiência dos alunos com essa prática de linguagem que atualmente difunde muitas reflexões.

O professor/educador precisa ensinar a usar as estratégias de interação disponíveis na Internet e nos gêneros textuais por ela processados, pois, dessa forma contribuirá para a formação de um aluno/cidadão que se configura, no cenário atual, como um leitor crítico que se coloca como sujeito que produz e reproduz gêneros nas suas diversas formas de interação social.

5. Considerações finais

Partindo da utilização dos gêneros textuais como ponto de partida para aulas formais de língua portuguesa, o aluno se tornará um sujeito mais confiante, conseguindo, com menos dificuldade, ler e interpretar os

gêneros secundários de forma contextualizada e diversificada, centralizando assim o ensino ao desenvolvimento da competência cognitivo-discursiva através da leitura crítica dos diversos gêneros que circulam na sociedade.

O conhecimento das teorias que subjazem a leitura é crucial para mediar o processo de leitura e produção de texto em sala de aula. O professor precisa ainda atualizar-se sempre, e fornecer aos alunos leituras que também possam ampliar seu conhecimento para além do senso comum, pois só assim o aluno terá condições de se tornar um cidadão crítico detentor de opiniões plausíveis, essenciais para o convívio em sociedade.

A partir disso, a obtenção de informações necessárias para o desenvolvimento de uma leitura capaz de absorver todas as informações implícitas em um texto será o ponto crucial para o sujeito se colocar como dono de uma opinião crítica formada a partir de uma leitura autônoma. Por isso, as propostas aqui levantadas podem ter bons resultados se o professor tiver conhecimentos necessários para auxiliar o aluno na ampliação do que fica implícito no texto escrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 279-358.

DEMO, Pedro. *Conhecimento e aprendizagem na nova mídia*. Brasília: Plano, 2001.

FERRAZ, M. N. S. *Um novo sujeito para um novo espaço*. Disponível em: <http://www.revistaconecta.com/conectados/nelida_sujeito.htm>. Acesso em: out. 2008.

GASPARETTO JÚNIOR, Renato et al. *A sociedade da informação no Brasil: presente e perspectivas*. São Paulo: Rede Telefônica de Comunicação; Takano, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARQUES NETO, H. T. A tecnologia da informação na escola. In: COSCARELLI, C. V. (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 51-63.

MÉLO, F. M. de. Gêneros digitais e formação de professor. In: LINS, J. N.; BEZERRA, R. A.; NEGREIRO, C. A. de. (Orgs.) *Linguagem e discussões culturais*. João Pessoa: Edição dos Organizadores, 2006, p. 107-113.

SILVA, A. P. D. O ensino de língua portuguesa frente às tecnologias da informática. In: ALMEIDA, M. L. L.; ARANHA, S. D. G.; CAMPINA, T. N. F. (Orgs.). *Ensino de língua: do impresso ao virtual*. Campina Grande: Eduepb, 2006, p. 63-81.

VIEIRA, I. L. Tendências em pesquisas em gêneros digitais: focalizando a relação oralidade/escrita. In: *Anais do I Simpósio Nacional Linguagens e Gêneros Textuais* – SINALGE, 28 a 30 de março de 2007. João Pessoa: Edufpb, 2007. CD-ROM.